

RUBEM
BRAGA

Mulher entre lunar e luz vermelha

EL e Ela, 1972, nº 98,
junho
Cronico do Povo 5.12.82
FLU, ago 81
RN 153
Folhas SP 16.10.83
Portugal, Out. 83
"Rec Prim"

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele mansa de seu braço repousado, e de sua face. Mas ela estava sentada junto à janela e havia lugar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito, havia seu marido, todo bovino, um pintor louro e nervoso, uma senhora morena de riso fácil e engraçado, um físico, uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política ou de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mutação da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!" — disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

Quando começou a discussão sobre pintura figurativa, abstrata e concreta, houve um momento em que seu marido classificou certo pintor com uma palavra forte e vulgar; ela ergueu os olhos para ele, com um ar de censura; mas nesse olhar havia menos zanga do que tédio. Então senti que ela se preparava para o enganar.

Ela se preparava devagar, mas sem dúvida nem hesitação íntima nenhuma; devagar, como num rito. Talvez nem tivesse pensado ainda que homem escolheria, talvez mesmo isso no fundo pouco lhe importasse ou seria, pelo menos, secundário. Não tinha pressa. O primeiro ato de sua preparação era aquele olhar para si mesma, para seu belo braço que lambia devagar com os olhos como uma gata se lambe no corpo; era uma lenta preparação. Antes de se entregar a outro homem ela se entregaria longamente ao espelho, olhando e meditando seu corpo de 30 anos com uma certa satisfação e uma certa melancolia, vendo as marcas do maiô e da maternidade e se sor-

rindo vagamente como quem diz: eis um belo barco prestes a se fazer ao mar; é tempo.

Talvez tenha pensado isso naquele momento mesmo; olhou-me, quase surpreendendo o olhar com que eu a estudava; não sei; em todo caso me sorriu e disse alguma coisa, mas senti que eu não era o navegador que ela buscava. Então, como se estivesse despertando, passou a olhar uma a uma as pessoas da roda; quando se sentiu olhado, o homem inteligente que falava muito continuou a falar encarando-a, dizendo coisas inteligentes sobre homem e mulher; ela ia voltar os olhos para outro lado, mas ele dizia logo outra coisa inteligente, como quem joga depressa mais quierera de milho a uma pomba; ela sorria, mas acabou se cansando daquele fluxo de palavras, e o abandonou no meio de uma frase; seus olhos passaram pelo marido e pelo pequeno pintor louro e então senti que pousavam no físico. Ele dizia alguma coisa à mulher recentemente desquitada, alguma coisa sobre um filme do festival; era um homem moreno e seco, falava devagar e com critério sobre arte, sexo e moral; falava sem pose, sério; senti que ela o contemplava com uma vaga surpresa e com agrado, estava gostando de ouvir o que ele dizia à outra. O homem inteligente que falava muito tentou chamar-lhe a atenção com uma coisa engraçada, e ela lhe sorriu; mas logo seus olhos se voltaram para o físico, e então ele sentiu esse olhar e o interesse com que ela o ouvia, e disse com polidez:

— A senhora viu o filme?

Ela disse que sim com a cabeça, lentamente, e demorou dois segundos para responder apenas: vi. Mas senti que seu olhar já estudava aquele homem com uma severa e fascinada atenção, como se procurasse na sua cara morena os sulcos do vento do mar, e, no ombro largo, a secreta insígnia do piloto de longo, longo curso.

Aborrecido e inquieto, o marido bocejou — e era um boi esquecido, mugindo, numa ilha distante e abandonada para sempre. É estranho: não fazia pena.